

FILOSOFIA E LITERATURA - A INFLUÊNCIA SARTREANA NA OBRA DE CLARICE LISPECTOR

Michele Cristina **DUARTE**¹

Prof. Dr. Antônio Carlos J. **ARRUDA**²

RESUMO

O presente artigo visa analisar o processo epifânico contido na literatura de Clarice Lispector por meio de análise de crítica literária e filosófica e com grande influência do filósofo existencialista Jean Paul Sartre. Para tanto deve-se levar em conta o aprofundamento e a sondagem psicológica das personagens que revelam um existencialismo agudo vivido por maior parte de seus protagonistas. A narrativa filosófica (conceitual e técnica) e a literária (estética) se conciliam em um *sui generis* nomeado de Náusea por Sartre.

PALAVRAS-CHAVE

Existencialismo; Epifania; Jean Paul Sartre; Clarice Lispector; Filosofia

1. Introdução

Opondo-se à concepção Aristotélica de essência humana, o Existencialismo, corrente filosófica que surge no século XIX com Søren Kierkegaard e Friedrich Nietzsche, estende-se até o século XX tendo como principal nome Jean Paul Sartre, que propaga a corrente e defende o parecer de que o ser humano constrói sua essência a partir de sua existência, sendo assim, esta prepondera sobre aquela.

Para Aristóteles, a essência humana existe antes mesmo de o ser humano existir. Ao longo da vida humana, a essência vai se realizando com a ação. [...] A filosofia existencial se opõe a essa ideia e afirma que, no caso do ser humano, a existência precede a essência. (GALLO, 2013, p. 75).

¹ Pós Graduação em Estudos Filosóficos - FIRA - Faculdades Integradas Regionais de Avaré - 18700-902 - Avaré/SP- Brasil - prof.mcduarte@gmail.com.

² Docente do departamento de Pós Graduação em Estudos Filosóficos - Fira - Faculdades Integradas e Regionais de Avaré - 18700-902 - Avaré/SP - Brasil - arrudafilosofia@hotmail.com.

Sartre – como o chamaremos no presente artigo – foi romancista, filósofo e dramaturgo francês – nasceu em Paris no ano de 1905, mudou-se com a mãe para casa do avô em Meudon, após o falecimento de seu pai, onde viveu uma infância e uma pré adolescência voltada ao tradicionalismo e autoridade patriarcal presentes na época.

O pensador retornou a Paris para cursar a Escola Normal Superior dezessete anos depois, no ano de 1924. É no ambiente escolar que o jovem filósofo conhece Simone de Beauvoir filósofa francesa, ativista, professora, pioneira nos movimentos feministas modernos, escritora literária, integrante do movimento existencialista e que manteve um envolvimento intelectual e amoroso com Sartre por toda a vida, aproximadamente cinquenta anos.

De 1930 à 1950 dedicou-se ao desenvolvimento da filosofia existencial, intensificou sua militância política e social em meados de 1960 e recusou-se a receber o Nobel de Literatura em 1965, criticando o que seria um privilégio da vida burguesa.

Jean-Paul Sartre foi uma das maiores expressões intelectuais deste século. Escritor e pensador politicamente engajado, esteve presente em quase todos os grandes acontecimentos de sua época. Participou ativamente de resistência ao nazismo, quando da ocupação da França pela Alemanha, rompeu com o comunismo quando a União Soviética, em 1960, e defendeu os povos cubano e vietnamita diante da presença militar dos Estados Unidos. [...] Ficou também conhecido como um dos baluartes de um movimento filosófico, o existencialismo, que se tornou moda entre os jovens inconformistas depois da Segunda Guerra Mundial por seu conteúdo aparentemente pessimista e por observar que os homens deveriam procurar individualmente seu próprio caminho para a liberdade. [...] Suas idéias podem ser sentidas mais claramente nos numerosos romances que produziu, nas peças de teatro e nos ensaios, nos quais Sartre nos oferece outra faceta de seu talento. (MILLIET *in SARTRE* 1996, p. 5, 6).

Ainda que contenha diferentes teorias por parte dos filósofos, a corrente Existencialista tem como âmago de observação o comportamento humano na qualidade de ser individual focando em seus sentimentos e sensações.

É a partir de tais pesquisas em torno da vivência humana que a filosofia colide com a produção ficcional e, em fevereiro de 1922, em São Paulo, no Teatro Municipal, acontece a Semana de Arte Moderna, cujas propostas artísticas e literárias propõem a ruptura com o tradicional, aproximando as artes da realidade brasileira. Esse movimento foi chamado de Modernismo e foi dividido em três fases.

A primeira fase do Modernismo traz uma literatura iconoclasta com o intuito de destruir valores do passado. A partir de 1930, inicia-se a segunda fase, mais reflexiva, com traços e assuntos bem pertinentes à contemporaneidade, já que em 1939 eclode

a Segunda Grande Guerra, o que leva os autores a buscarem respostas para o medo e a morte. (DUARTE, 2017, p. 1, 2).

A terceira fase do Modernismo inicia-se a partir de 1945 e tem como um de seus principais nomes Clarice Lispector, que através do labor experimental com as palavras reinventa a narrativa, sendo uma das principais e mais marcantes escritoras brasileiras.

De origem ucraniana, Clarice Lispector mudou-se para o Brasil com apenas um ano de idade, viveu em Recife Maceió e Rio de Janeiro. Formada em psicologia e antropologia exerceu a função de jornalista e trabalha como redatora, sem esquecer sua verdadeira vocação e paixão: a literatura, a qual se dedica desde os dezenove anos.

Em 1946 a autora publicou *O Lustre*, em 1949, *Cidade Sitiada*, em 1961, *A Maçã no Escuro*, em 1969, *A Paixão Segundo GH*, em 1973, *Água Viva*, em 1977, *A Hora da Estrela*, além das coletâneas de contos como *Laços de Família* (1960), *Legião Estrangeira* (1964) e *Felicidade Clandestina* (1971).

Clarice Lispector explorava o monólogo interior de seus personagens, fazendo com que os mesmos explorem seus estados de alma, muitas vezes de forma ilógica e caótica, isso se dá pelo recurso mais utilizado pela escritora, a epifania, ou na linguagem filosófica o existencialismo alvo deste artigo que:

[...] significa o relato de uma experiência que a princípio se mostra simples e rotineira, as que acaba por mostrar toda a força de uma inusitada revelação. É a percepção de uma realidade atordoante quando os objetos mais simples, os gestos mais banais e as situações mais cotidianas comportam iluminação súbita na consciência dos figurantes, e a grandiosidade do êxtase pouco tem a ver com o elemento prosaico em que se inscreve o personagem. (SANT'ANNA, 1984, p. 189).

2. Epifania e Existencialismo

Descrevendo o que seriam hábitos corriqueiros em sua ficção, Clarice Lispector fixa-se no cenário da filosofia existencialista, demonstrando singulares questões da existência humana, sendo assim, a autora desloca o leitor do racional para o sensível, explorando questões como angústia, medo, insegurança e consciência.

O conto "Amor" presente na coletânea *Laços de Família*, relata um dia corriqueiro vivido pela personagem Ana, que exerce a função de mulher comum irrefutavelmente infeliz com o cessar do seu "eu", já que se dedica integralmente ao marido, aos filhos e à casa.

A suspensão da prática rotineira da personagem se dá no momento em que Ana depara-se com um cego mascando chicletes em uma parada de bonde:

O homem parado no ponto. A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego. [...] O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir - como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o e quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada - o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despençou-se e ruiu no chão - Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava. (LISPECTOR, 1998, p. 21-22).

Quando o saco de tricô despenca, quebrado os ovos comprados por Ana há a simbolização da vida frágil da protagonista e a ruptura com o cotidiano. A visão do cego faz com que Ana tenha um amalgamado de emoções não manifestadas antes. Inicia-se então, o processo de epifania com a sensação nauseante materializada.

Mas o mal estava feito [...] Por quê? Teria esquecido que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. [...] O mundo se tornara um mal-estar [...] parecia-lhe que as pessoas eram periclitantes [...]. Perceber uma ausência de lei foi tão súbito [...]. O que chamava de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava as coisas, sofrendo espantada [...]. Ana caíra numa bondade extremamente dolorosa, Através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca. (LISPECTOR, 1998, p. 22-23).

O que é chamado de “mal-estar” no conto é chamado, simbolicamente, de *náusea* pelo filósofo existencialista Jean Paul Sartre, ou seja, o momento de aprofundamento em si mesmo vivido pela personagem □ que chamamos de epifania □ traz revelações profundas e uma pesada sensação, uma vez que o ato de refletir sobre o próprio ser e a própria vida pode provocar um incômodo profundo, causador de angústia que reflete no biológico do ser.

A *náusea*, que Sartre descreve em *A náusea*, é a forma emocional violenta da *angústia*, que arrebatava o corpo, manifestando-se por uma reação orgânica definida. Quando nos sentimos existindo, em confronto solitário com nossa própria existência, sem a familiaridade do cotidiano e a proteção das formas habituais da linguagem, quando percebemos ainda a irremediável contingência, ameaçada pelo Nada, dessa existência, é que estamos sob o domínio da angústia, sentimento específico e raro, que nos dá uma compreensão preliminar do Ser. (NUNES, 2009, p. 93).

O conto prossegue com uma sucessão de momentos epifânicos utilizando de palavras com grande carga emocional, o que verticaliza a narrativa e se acentua com o monólogo interior, caótico e desorganizado vivido pela personagem, características da crise existencial e da escrita intimista e simbólica de Clarice Lispector.

A literatura de Clarice Lispector não é realista, mas simbólica, na medida em que o texto é o instaurador de seus referentes e não se interessa em refletir o mundo exterior de um trabalho mimético. Assim, Clarice prefere o texto expressionista, simbólico e complexo. (SANT'ANNA, 1984, p. 186).

Contanto a história de Martim □ em *A Maçã no Escuro* □, Clarice Lispector relata um homem que foge da cena de um assassinato e apresenta ao seus leitores lições e indagações existencialistas que levam a personagem a epifania expressando a incerteza humana.

A utilização de elementos naturais, sensíveis, descomunais e bruscos no processo epifânico, fazem com que Martim, a partir da forma de vida ativa, reflita sobre si e sobre o mundo não sentindo mais obrigação de *pensar* e sim de *ser*.

Ali era o escuro ar de que vive uma coisa viva. E Martim estava bem cercado pelas coisas que ele entendia: as moscas desovavam. E o sentido daquilo era o sentido mais primeiro daquele homem: estava ali como se houvesse um plano que ele ignorava mas a que uma planta se agregava com a boca e a que ele próprio correspondia sentando-se muito evidentemente na pedra - sentar-se numa pedra estava se tornando sua atitude mais inteligível e mais ativa. E a coisa era de tal modo perfeita que até a perspectiva da distância se agregava àquele mundo sem Deus. Pois quando o homem erguia os olhos - as árvores distantes eram tão altas, tão altas como uma beleza: o homem grunhia aprovando. Quanto mais estúpido, mais em face das coisas ele estava. (LISPECTOR, 1961, p. 91).

Utilizando de uma escrita densa a escritora é capaz de aproximar personagens e leitores e as descobertas daquele são reflexão para este.

O protagonista do romance falha em sua reflexão com intuito de reverter o passado e acaba caindo em outra crise existencial, da qual o ser mostra sua dicotomia e sua instabilidade emocional, partindo não mais de seu momento falho, o crime, mas sim de questões particulares de sua essência presentes antes e depois do assassinato.

No final desse romance, o herói, que fracassa no debate contra o passado que não conseguiu desfazer, conhece, de novo, o estado de náusea. Já é desta vez, porém, “aquele gosto suave como se tivesse atingido o outro lado da morte, aquele ponto mínimo que é o ponto vivo do vive, a veia no pulso”. Gosto suave que produz em Martim uma esperança absurda, sem relação com o crime cometido muito antes, e com as pessoas que o rodeavam. Trata-se de uma “esperança impessoal”, que redundando na própria negação da esperança. Próxima da quietude das coisas aceitas e vividas independentemente de confiança ou temor, do Bem ou do Mal, a expectativa quieta, silenciosa, que nada mais pede ao futuro e ao possível, recua para dentro de si mesma, tornando-se compreensão muda, ou entrega inevitável ao Ser. Essa compreensão última é antecipada em muitas outras passagens anteriores da narrativa, todas as vezes em que Martim, caindo em êxtase diante da vida impessoal da Natureza, vislumbra a conexão de sua existência com a de todo o universo, conexão a que a náusea emprestará um cunho de participação orgânica. (NUNES, 2009, p. 98).

Na obra *A Paixão Segundo G.H.*, Clarice Lispector descreve uma mulher aparentemente sozinha que resolve limpar o quarto de sua antiga empregada, atualmente vazio. É nesse

momento em que a personagem-narradora se depara com um inseto (considerado asqueroso no imaginário popular brasileiro), saindo de um guarda-roupas. É a partir desse instante que a personagem entra em profundo momento de crise existencial, já que a barata que lhe faz companhia a faz refletir sobre a sua própria existência, questionando sua essência e repensando a sua distinção biológica perante o animal.

É em um ato de medo e nojo que a personagem nomeada G.H., fecha a porta do guarda-roupa esmagando o inseto, a partir desse momento, com a visão do material pastoso que escorria do animal a personagem entende que ambas, mulher e barata possuem a mesma identidade e compartilham a mesma existência.

Como chamar de outro modo aquilo horrível e cru, matéria-prima e plasma seco, que ali estava, enquanto eu recuava para dentro de mim em náusea seca, eu caindo séculos e séculos dentro de uma lama - era lama, e nem sequer lama já seca, mas lama ainda úmida e ainda viva, era uma lama onde se remexiam com lentidão insuportável as raízes da minha identidade. (LISPECTOR, 1964, p. 57).

Diferente das outras obras citadas, a personagem de *A paixão segundo G.H.*, demonstra uma instabilidade de seu ser, anulando-o e tornando-se transcendente e complexa, sua experiência é mítica e absurda. Em *Amor*, a personagem Ana vive a epifania por meio da ruptura com o cotidiano, em *A maçã no escuro* o instinto é o que leva Martim ao processo nauseante.

A epifania Clariceana tem um compromisso com o absurdo, suas personagens adentram a partir da reflexão existencial, criando algo que vai além da própria já que é preciso criar sentidos para existência na obra.

Para Lispector, a epifania é desconstrução da liberdade, a retirada do ser de sua zona de conforto, revelando seu lado mais caótico, redescobrimo sua cultura e seu papel social.

Já podemos discernir, nesse ponto, a modificação que a experiência sartriana da náusea sofreu na obra de Clarice Lispector. A partir dessa experiência, Jean-Paul Sartre conferiu aos seus personagens uma liberdade fundamental. Justamente porque a náusea revela o Absurdo, é preciso criar o sentido que a existência não possui. Esse sentido, que deriva única e exclusivamente da liberdade, e é sustentado pelos nossos atos, impõe-se apesar da náusea e contra o Absurdo.

Para Clarice Lispector a náusea apossa-se da liberdade e a destrói. É um estado excepcional e passageiro que, para a romancista, se transforma numa via de acesso à existência imemorial do Ser sem nome, que as relações sociais, a cultura e o pensamento apenas recobrem. Interessa-lhe o outro lado da náusea: o reverso sa existência humana, ilimitado, caótico, originário. (NUNES, 2009, p.100).

3. Considerações Finais

Revelando o íntimo de seus personagens por meio de suas construções, a escrita de Clarice Lispector esclarece de modo profundo a singularidade do ser humano e atua em sua mais marcante característica: a epifania, revelando ao leitor o que podemos chamar de existência pura.

Como evidenciado nesse artigo, a autora utiliza de uma escrita densa capaz de aproximar personagens e leitores, sendo as descobertas ficcionais fonte para as reais.

A náusea Sartriana presente na obra da escritora não é uma interpretação e sim um mecanismo para atingir profundamente o objeto apresentado ao leitor, desnudando o cotidiano de seus personagens, Clarice transmite a sensação nauseante a qual o leitor participa da crise existencial juntamente com suas protagonistas.

4. Referências Bibliográficas

DUARTE, Michele Cristina. **A epifania no conto “Amor” de Clarice Lispector**, 2017.

GALLO, Silvio. **Filosofia: experiência do pensamento**. 1 ed. São Paulo: Scipione, 2013.

LISPECTOR, Clarice. **A maçã no escuro**. 1 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961.

_____. **A paixão segundo G. H.**, 1 ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.

_____. **Laços de família**, Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**. 2 ed. São Paulo: 34, 2009.

SANT’ANNA, Affonso Romano. **Análise Estrutural de Romances Brasileiros**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

SARTRE, Jean Paul. **A idade da razão**, Rio de Janeiro: Nova Cultura, 1996.